



Educação Feminina

Quinzenario pedagogico, literario e scientifico

ORGÃO DAS NORMALISTAS DE LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Comércio, 34, 3.º

Não se restituem os autografos

DIRECTORA: IRENE VIEIRA LISBOA

REDACTORA GERENTE: ALICE BARBOSA E OEIRAS

Propriedade da Empreza da **EDUCAÇÃO FEMININA**

EDITORIA: ILDA MOREIRA

Composição e impressão na tipografia A NACIONAL
38, Rua da Conceição da Glória, 40 — Avenida — Lisboa

EXPEDIENTE

De porta em porta, a Educação Feminina vem com imensa delicadesa pedir aos seus assinantes retardados, a bondade de enviarem uma cartinha com a respectiva importância da assinatura para a sua Redacção.

E como o tempo das aulas já está a expirar, (só falta um mês...) rogavamos a todas as nossas colegas que desejassem continuar com a sua assinatura nas férias, o favor de nos pagarem antes destas começarem, afim de o jornal se poder publicar sem interrupção.

Confiada na boa-vontade de todas, a nossa Direcção agradece intimamente penhorada.

Ao correr da pênna...

Minha presada amiga.

Para não trair a minha conduta sempre leal e sincera, dir-lhe-ei que estou embaraçada com o tema desta carta... É verdade que existem muitas futilidades elegantes e muitas elegancias futeis, de que me poderia valer para a entreter uns poucos minutos, mas tenho pelo seu espirito tão subida consideração, que nunca ousaria dirigir-lhe essas ridiculas banalidades, que a sociedade cultiva e a minha inteligente amiga despresa.

Levanto de vez em quando o olhar deste papel tão branco como um pensamento esvaído e interrogo o céu acastelado de nuvens, como se de lá me pudesse vir a inspiração...

No entanto, se a minha Amiga me promete guardar absoluto sigilo do que lhe vou contar, vae por uns momentos deliciar-se com as revelações pitorescas, que me servirão finalmente de tema.

Imagine-se galgando esses longos kilometros que medeiame entre o seu paraíso ignorado e a bela capital deste paiz ridente! Chegou a Lisboa e eu tenho a suprema ventura de a estreitar nos meus braços; o ruido a que não está habituada atordoou-na na primeira ocasião, mas depressa se afaz, e o seu olhar agudo, a sua attenção estudiosa e prespicaz páram, investigam e interrogam esta vida morna mas variada...

A certa altura tomámos um carro, que pára em Santo Amaro á porta da Escola Normal, para onde nos dirigimos.

A minha amiga que por ter uma alma simples e delicada distribuiu os efluvios dos seus

sorrisos sem distincção de classe nem idade, fica estarecida quando ouve um monossilabo cavernoso do porteiro... continuemos, é melhor voltarmos á esquerda, aqui ao fundo do primeiro claustro; sirvamo-nos da escada de serviço das alunas, para a minha amiga poder fazer um estudo consciencioso.

Não se embarace. A escada é carunchosa, estreita e escura, é verdade, mas taleie as paredes, que não cae. O maior perigo que pode correr é ficar com as mãos cheias de tejas de aranha!

Eis-nos chegadas ao primeiro pavimento, ao andar mór do palacio... Não se incomode se vir muita poeira por todos os cantos, arregaçando bem as saias e tendo cuidado com os alisares das portas, não ha de sair d'aqui com o fato muito enxovalhado.

As salas são feias e pouco cómodas, como vê, mas nós estamos tão habituadas que já as achamos encantadoras! Tenha cuidado a minha amiga ao pisar o pavimento desta que agora atravessamos, porque se está absolutamente vazia como vê, é por ter ameaçado ruir.

A luz não é unilateral esquerda em nenhuma, como a hygiene manda, mas isso explica-se: a nossa vista está tão educada e tem caminhado tanto alem do progresso, que já se dá perfeitamente com todas as distribuições de luz!

Se quer passeemos um bocadinho no terraço! Sempre é bom renovar o ar dos pulmões... todas estas casas conservam um ar de bafo que incomoda quem vem de fóra, e muito mais certamente a minha amiga, que na sua linda e remota aldeia tem o ar fino da montanha e a alegria franca da natureza!

Ah! está admirando o espectáculo curioso do combate dos ratos, lá em baixo no minuscúlo jardim? — Nunca viu tantos ratos juntos, não é verdade? Isso é interessante! As alunas, por divertimento deitam-lhes bocados de pão e os ratos acorrem em massa; então é que é vêr lutas que nem os romanos gosaram!

Pode objectar-me a minha boa amiga que, tanto rato neste edificio pode ser um perigoso foco infeccioso, ao que lhe volto que muitos mais focos de infecção ainda existem, mas que a raça portugueza é tão forte que nenhuma destas mocidades jamais sofreu aqui a ofensa dum ataque de males epidémicos, apesar de todas ou quasi todas apresentarem esse ar abatido e limfatico de anémicas...

Noto que a minha amiga tem o rosto sombreado de melancolia e que se não sente á vontade; será melhor retirarmo-nos, não é verdade?

Para outra vez, verá o resto. O nosso laboratorio, a cêrca, etc...

Oh! a paz bucolica dos campos! A vida incomparável da natureza! — e o progresso, o progresso de Portugal! murmurará a minha amiga com um sorriso triste, ao findar esta elucidante leitura...

Escreva longas cartas, onde nitidamente se espelhem a sua intelligencia culta e a sua alma superiora, á sua fervorosa amiga e humilde admiradora

Irene Vieira Lisboa.

As mondadeiras

Por entre os trigos as mondadeiras Enchem as varzeas de cantorias.

Herva daninha, que bem que cheiras! Nasces e afrontas as sementeiras E é só por isso que não te cria.

As mondadeiras andam nas mondas, De régo em régo, sempre a cantar, Troncos curvados, ancas redondas, Braços roliços e o peito ás ondas Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes, Alegres ranchos de raparigas, — O' mocidade, tu nunca mentes! — Como as cigarras andam contentes, Mas trabalhando como formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas, Que rico assunto para os pintores! Lembram vistosos bandos de araras: Saias roupinhas de chitas claras, Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella Faina constante pelos trigaes; O' mondadeiras, tende cautela, Que o parasita que se debêla, Se escapa crece cada vez mais!

E' necessario que o trigo venha De palha grossa, de espiga cheia, E quando caia na mó da azenha, Não seja o caso que ás vezes tenha Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera, Fecundos dias para a lavoira! A natureza se retémpera Na farta seiva que as plantas gera, No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares, Em torno ao freixo que as inebria: Nos tendões leves, rectangulares, Nédios carneiros, aos centenares, São desmedados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando, Porque o trabalho não as enerva, Põem se a prumo de quando em quando, Erguendo os braços e carregando Sobre a cabeça molhadas de herva.

A tarde morre tranquilamente: Na freguesia soam trindadés; Penetra as coisas e invade a gente Como uma henção de paz clemente, Que vae caindo sobre as herdades.

E' já sol posto. Ao longe as nóras Gémem na réga dos laranjaes. O' agua clara, penso que choras E te lamentas, horas e horas, Porque altó sobes, e d'alto cáis!

E as mondadeiras voltam das mondas, Sachola ao ombro, sempre a cantar; Bustos erectos, ancas redondas, Braços roliços e o peito ás ondas Que não se quebram como as do mar!

Praticas e conferencias

A Camões se dedicou a interessante conferencia, que na integra vamos publicar.

Abstenho-me de elevar inos e cantos ao imortal épico, que, sem duvida, por débeis se extinguiriam na minha garganta e de que a pena reflexo mais palido ainda, daria; mas para nos associarmos ao regosijo geral, ao entusiasmo de todo o povo portuguez, transcreveremos as palavras da nossa destinta colega Lucinda Dias, onde vós, pelo seu delicado trabalho podereis vêr, caros leitores, o interesse e o amor que, tão bela causa a todos inspira. Não se dirá, igualmente, que a Escola Normal passou esta época da comemoração mais gloriosa, sem render publico preito á figura mais gigantesca das nossas letras patrias.

Camões e a sua obra

Se a eleição das minhas colegas decidiu que a minha humilde voz se associasse ás numerosas manifestações que de todos os lados brotam sublimando um nome, eu proclarei nesta minha ligeira palestra, prestar em nome da Escola Normal uma singela homenagem á memoria desse grande génio que foi Luis de Camões.

Ha decerto no coração de todos vós uma scentelha desse grandioso culto, e não admira que assim seja; ele está gravado na alma de todos os portuguezes com um só nome: «Patria», e a patria é ele na sua mais sublime concepção.

Quando o esplendor duma época se ia sumindo num quebrantado desalento, quando toda a sua vasta grandeza caíra inerte e fatigada pelos desmandos governamentais, Camões aparece em Portugal para que á beira do abismo para onde tinha sido impelida a sua patria, ele desferisse a elegia duma nação decadente e morta, como outr'ora o fizera Anathot sobre as ruinas de Jerusalem.

E que ruinas eram essas dignas do canto dum poeta?

Era o desmoronar da nossa grandeza no Oriente, era o sossobrar da tradição dum povo aventureiro que, sob as velas duma rissonha esperança, se expunha temerario aos furiosos do oceano, — era enfim a queda inevitavel!

E que poeta seria capaz de semelhante época?

E que ditosa terra seria mãe dum tal filho? Não importa sabê-lo.

«Os grandes de intelligencia, como diz Luciano Coelho não carecem de tronco e dinastia.

«Não teem pelo espirito nem antecessores nem descendentes.

Versos de Guerra Junqueiro

Canção perdida

Halitos de lilaz, de violeta e d'opala, Roxas macerações de dor e d'agonia, O campo, anoitecendo e adormecendo, exala...

Triste, canta uma voz na sincope do dia:

Alguem de mim se não lembra Lá para as bandas do mar... O' Morte, dava-te a vida, Se tu lh'a fosses levar!...

O' Morte, dava-te a vida, Se tu lh'a fosses levar!...

Com o beijo do sol na face cadavérica Beijo que a morte esvae em palidez algente, Eis a lua a boiar sonambula e quimérica...

Doce, canta uma voz melancolicamente:

O meu amor escondi-o Numa cova ao pé do mar... Morre o amor, vive a saudade... Morre, o sol, olha o luar!...

Morre o amor, vive a saudade... Morre o sol, olha o luar!...

Latescente a neblina opálica flutua, Diluindo, evaporando os montes de granito Em colossos de sonho, extasiados de lua...

Flébil, chora uma voz no letargo infinito:

Quem dá ais, ó rouxinol Lá para as bandas do mar?... E' o meu amor que na cova Leva as noites a chorar!...

E' o meu amor que na cova Leva as noites a chorar!...

A lua enorme, a lua argentea, a lua calma, Imponderalisou a natureza inteira, Descendensou-a em fluido e embebeu-a em alma.

Triste expira uma voz na canção derradeira:

O' meu amor dorme, dorme Na areia fina do mar, Que em antes da estrela d'alva Comtigo me irei deitar!...

Que em antes da estrela d'alva Comtigo me irei deitar!...

Sim, ponhamos de parte o lugar comum de que o professor primario é o humilde servidor da nação e adotemos o principio de que o professor enobrece-se e enobrece a coletividade, quando satisfaça integralmente quanto para tal fim lhe é exigido.

E', sem duvida, a instrucção, a propulsora do progresso economico e moral dum povo; mas, para instruir e não destruir, é indispensavel o professor agir por um conjunto de faculdades natas e desenvolvidas, ao serviço de um sacerdocio que não é umá simples e pequena conesia!

Oh! Então, o professor modelar que o futuro sem duvida reserva para gerações mais felises, ha-de ser venerado, respeitado e dignificado como o desempenho da sua alta missão requer. E esta classe oprimida e desorganizada deixára de ser um caos, surgindo cada um dos seus membros, deste pó de apatia e dissimulada ignorancia actual, para uma vida bela e livre, para uma vida de amor, dedicação e interesse exclusivo pela infancia!

Cabanas.

Beatriz A. Ferreira

A poesia, a pintura e todos os sublimes gosos da imaginação tem sobre os espiritos elevados direitos imprescritiveis.

Balzac.

NOTICIA

Após ter sofrido uma melindrosa operação, a nossa estimável e interessante colega Ester Vasconcelos vae seguindo normalmente os trmites da convalescença, com o que intimamente folgamos.

Fazemos votos pelo seu completo e mais rapido possivel restabelecimento.

Rectificando

Por um deplorável mal entendido os nossos Ex.ºº Professores pretenderam ver uma alusão indirecta no 4.º suélto da nossa secção — Em foco—.

Tendo sido chamada para dar uma justificação a todos os Ex.ºº professores reunidos, comprometi-me a torná-la publica, o que passo a fazer, participando a todos os nossos illustres leitores que o nosso jornal é dedicado absoluta e exclusivamente aos estudantes em geral e aos normalistas, em particular, abstendo-nos portanto da minima critica individual, extranha aos actos dos nossos colegas.

Irene Lisboa

As andorinhas

Logo que a natureza desperta do seu sono letargico sob a neve, são as andorinhas o primeiro sorriso, a primeira saudação, que ela carinhosa nos dirige.

Tão graciosas, tão timidas, trazem-nos elas, as lindas avesinhas, nos biquitos escuros, esses diademas lucilantes que a primavera envia ás flores para as coroar na curta fase da sua realsea efemera...

Trazem-nos a alegria comunicativa dos seus gorgeios e a graciosa desenvoltura do seu volitar nesse oceano aério, que as nuvens por véses tornam revoltos.

Que vacuo immenso me alastra nalma, pelos fins do outono, quando já não ha frutos doirados nos pomares e elas partem aos bandos mais ligeiras do que nunca, deixando-nos por despedida a nota dolente dos seus pios saudosos!

— Esses mundos, que nos aparecem no misterio profundo da noite como pontos luminosos a constelar-lhe o manto, talvez que sejam as paragens felises, para onde as conduz a necessidade de calor...

— Que segredos lhes dirão do nosso globo e de nós?

E quem sabe? talvez que passem compassivas a outras regiões mais quentes, mais isoladas, a levar-lhes essa alegria, que nos roubam com a sua desaparicação.

— Já sonhei, na época feliz e alada da minha infancia, que o magico condão duma fada me transformára em andorinha. Veiu o outono, todas partiam e eu, ainda extranha á minha nova individualidade, ignorava a causa do proceder das minhas companheiras. Interrogando a medo a mais linda, que era a minha mestra, ela olhou-me compassiva, e falou-me vagamente duma ave como ela, mas muito má e poderosa, que residia lá longe, numa gruta cristalina, e que ameaçava de morte a que não comparecesse na sua cõrte na epoca determinada. E convidou-me a ir com ela; pensando já nas maravilhas que saberia contar depois daquele país encantador, ensaiei as asas para voar; mas, crueldade da minha madrinha! elas só me serviam de enfeite; e, assim, neste pungir todo infantil acordei extenuada no meu leito pequenino, como um passarito implume que a ambição de voar absorve inteiramente.

E é d'então que me vem este desejo louco de as prender pelas asitas trémulas, quando as vejo doudejar em torno do ninho que as suas caprichosas fantasias foram pousar nos altos beirões dos telhados...

Ah! sim, e perguntar-lhes que segredos castos trazem elas a transparecer naqueles corpitos esguios e naquele chilrear mimoso...

— Teem tanto amôr umas pelas outras!... dispensam tanto carinho áqueles ninhos, que a sua solicitude tornou mais cómodos, mais macios, e onde os filhinhos adormecem embalados pelo cicio monotonico do vento...

Os ninhos! Que encantos de moradias! Sãs eles as testemunhas mudas do amôr

dos pais e bercitos aérios, onde os pequeninos deslumbram os olhos no azul claro do ar a que o sol dá tons maravilhosos!

Os pais não se afastam muito, guardando sempre com a vista o cofre do seu tesouro, com receio de que algum gavião de bico adunco lh'o arrebate nas garras hediondas.

E os homens?... que maus tambem! Divertem-se a apedrejar-lhes as moradas que a sua ternura construiu, desmoronando-as sem dó. E os filhinhos pobresitos, lá caem desamparados no caminho pedregoso, para não mais se poderem erguer!

— As crianças roubam-lhes os ovos, e até os filhos, que encerram em gaiolas reluzentes, mas tão tristes, tão diferentes da sua casinha proxima dos ceus!...

Os mais velhos lá vão ter... guia-os o instinto. Levam horas deante das grades da medonha prisão, prodigalizando confortos, partilhando os seus desgostos e sobretudo, esforçando-se por arrebatá-los do carcere.

Oferecem-lhes uma semente de certa planta, que eles costumavam admirar do ninho, — lá em baixo, na planicie esmeraldina, com o desejo veemente de poderem abalançar-se na atmosfera, sem receio de que os traissem as asitas debeis! Falam-lhes na linguagem encantadora do gorgeio das maravilhas do ultimo poente e das confidencias amorosas, que, certa arvore secular num dia de calor ardente lhes fizera. E não esquecem as novas melodias que lhes inspirara a murmura corrente do ribeirinho da planicie...

São disvélos infinitos, são beijos, suspiros e ais...

Que saudade indisivél e que ancia incomparavel, a dos pequenitos!

Acabam os dias quentes e as noutes luanrentas... já não ha flores no campo e as folhas doudejam esmurchedas nas azas da ventania... e as andorinhas partem em revoadas, cessando por completo a alegria dos campos!

Só os pobresitos que a crueldade dos humanos tornou cativos, não podendo seguir os irmãos e os paes na viagem longa que os levará aos paeses ridentes da perpetua primavera, se finam de saudade e frio!

Maio de 1913.

Ilda Moreira.

Respigando velharias...

Definições

- Anotou: O espirito dos que o não teem. Rezar: Substituir o pó por lama. Dinheiro: Um meio, para os sensatos; um fim, para os imbecis. Edade: Rio que as mulheres se esforçam por fazer refluir, para a nascente, quando o viram correr durante trinta anos. Sabio: Armazem de retém de sécos e molhados. Ingenuidade: O capilé das virtudes.

SANTA CLARA

A luz — um fio d'oiro — entrava pela cela. A monja orava. A face cor róxa dos lirios reflectia o sofrer, a magua que esfacela com tragicas visões de sonhos e delirios...

A monja orava. A préce heroica dos martirios subia num murmuro. A luz pela janela entrava — fio d'oiro... — A palidés dos cirios doirava aquella fronte em extase de estrela.

No místico fervor, numa aleluia casta, um nimbo deslustrante envolve em brilho egoista essa cabeça linda... Os cabelos esparsos

ondeiam no esplendor, como ondeia a seara á brisa. E o seu olhar de tons castanhos garços, na claridade viu sorrindo Santa Clara...

Manuel D.

Cartas de Lisboa

Irmão querido!

Procurei para a minha carta d'hoje um assunto leve e gracioso, como graciosa e leve é a estação de amores, a estação de flores, que ilumina, rejuvenesce e alinda a tua saudosa terra, irmão da minha alma; o berço dos teus afectos, o céu dos teus amores!

Ai, Murilo, estamos na primavera! Tantas flores por esses jardins, tanta mocidade e tanta alegria!

E' a tua alma delicada que eu invoco, é para ti que foge estonteado, o meu coração trêmulo de gozo, fremente de vida, cégo de luz!...

Não ha dia, nem hora, nem momento que te não consagre; ora um objecto da tua predilecção que me aviva a saudade, ora a conversa da familia cheia de recordações e esperanças; agora uma reminiscencia alegre, logo um devaneio tristonho... E assim trago o meu coração tão ligado ao teu e tão repleto da tua imagem, que me chego a julgar transportada a essas paragens longinhas, compartilhando a tua vida, aliviando o teu exílio...

— Prometi no começo desta carta dedicar-te as ideias mais delicadas que o meu pensamento hoje pudessem povoar... falar-te-ei de flores, queres?

As flores, se a nossa alma é propensa a fantasias e a comparações romanescas, poder-lhe-ão servir de espelho ou de intérprete fiel... Assim, quando procuramos nas suas cores e no seu perfume um simbolo, uma imagem dos nossos sentimentos, que variedade, que profusão encontramos!

Ha as cores vivas, rubras, e os aromas capilosos, penetrantes, que tão bem representam a paixão, a ardencia, os sentimentos fogosos! — Como exemplo ai tens a opulenta rosa, a bela papoula, etc...

E a violeta, o miosotis, esses outros quão diferentes, não é verdade?

A sua modestia, a sua belesa recatada, o seu pudor expresso em côres brandas e pétalas singelas, falam-nos admiravelmente da inocencia, da bondade, da constancia, da ternura...

Conhêces, certamente, a lenda encantadora que anda ligada ao miosotis, a essa florinha azul, tão singela e tão bonita!

Não t'a repito, visto estar tão vulgarizada, e tu não poderes deixar de a conhecer. Prefiro contar-te antes uma historia adoravel e verídica, onde se casam na mesma vibração a plangencia do soluço e a melodia do sorriso...

E' uma historia de creança, já vês... toda ela inocencia, toda ela fragancia...

— Era uma pequenita de onze anos, branca e loira, de um loiro escuro e dourado, de uma brancura de porcelana fina...

A sua juventude era fresca, alegre e expansiva como a de todas as creanças felizes!

Vivia no campo, e era modesta a moradia de seus paes, mas toda ela florida e louçã!

No jardimito que a circundava havia um canteiro que requeria particular trato e espezias cuidados... era o canteiro de Marieta, a nossa heroína. Todo ele eram flores brancas! Malmequeres, só malmequeres... um delirio de alvura deslumbrante!

Era Marieta a sua jardineira, e ai! de quem lhe pretendesse roubar o privilegio!...

Mas um dia a Marieta apanhou muito sol num passeio mais demorado e caiu doente. — A febre não a largava, piorava dia a dia; veiu-lhe o delirio; e a morte, que não tem escrupulos em levar na mesma braçada velhices cançadas e madrugadas juvenis, assinalara-a já com o seu estigma odioso.

— Naquella casa cessara a alegria, morrera o riso!

— Corações mirradinhos, olhos macerados; nem uma esperanza, nem uma ilusão! Marieta morria e a sua morte trazia um vacuo infinito áquele lar; murchião as flores e nunca mais se ouviria cantar...

A doença atingia o seu limite e Marieta já quasi perdera a noção das cousas: no entanto o seu rostosinho angélico, quasi transparente, voltava-se ancioso para a mãe, que, numa angustia crescente a via de finhar e extinguir-se. Os olhos febricitantes da pobre creança tentavam dizer o que os labios se negavam.

— Queres as tuas flores? — bradou a pobre mãe, inspirada! — E correu ao canteiro alvamente a que a pobre Marieta dispensara todo o carinho e todo o disvelo da sua almasinha delicada.

E a impiedade sublime d'aquella mãe aflita,

nem um malmequer deixou onde outrora se vira o macisso mais compacto e mais belo!

Foi Marieta quem os levou todos no seu caixãozinho estreito, tão branca como eles e tão ideal na sua auréola de caracões louros, que mais parecia ter adormecido a sorrir.

.....
Murilo, não teus infindas saudades da nossa primavera?

Ah! infinitas as tenho eu de ti, que vives tão longe, tão longe, como uma planta transplantada, sem frescura, sem carinho... sem o amor de todos nós!

Alice Oeiras

SECÇÃO HUMORISTICA

A Americo

M.....
...E..
...R..
...C..
...I..

=(nomes d'homens)

Geograficas

Quaes os nomes de terras portuguesas que se escrevem, com as letras das seguintes frases: já erraste? — Va, Rita! — Dei mala?

Combinada

1.ª + ira = mercado.
2.ª + ta = mulher
3.ª + no = burro

=(de que os estudantes gostam muito)

ERASAN.

Charada

por syllabas

+ pa = insecto
+ ra = atraso
+ pote = sobrinho do pápa
+ mão = leme
conceito = peixe

Maçadas Geograficas

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Asma Rola

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Embora da neta, miel

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Al dor! Vi o tonante na sella

Frases e Ruas

Formar o nome d'uma via publica de Lisboa com as letras da seguinte frase:

Ida, vem sen rir ao pé do elefante

Acróstico

A Maria Eugenia

P.....
O..
R..
T..
U..
G.....
A..
L.....

=terras portuguesas.

Ocirema.

Conceitos do n.º 1 da Secção Humorística:

Acróstico

EUGENIA
EDUARDA
LUCIANA
CAROLINA
ANTONIA
ENCARNAÇÃO
ASSUNÇÃO
OLGA
FRANCISCA
IRENE
AMELIA
IVA
NATÁLIA
ERMELINDA
NATIVIDADE
ALICE

Ninguém acertou com todos os nomes: o conceito da combinada, que era ponto escrito, é que todos acharam.

Verêmos quem irá para o quadro d'honra! Não se impacientem, o tal dia chegará...

SONETO

A MADEMOISELE H.

Tu poderás não ter a morbida belezza
Dessa meiga Heloisa, amante de Abelard;
Nem mesmo, digo, até que possa comparar
A tua tez rosada, isenta de tristesa

Com a de Julieta, a noiva de Romeu;
Não se reflete em ti o sorriso da aurora;
Mas tens também no mundo um omem que te adora
E tu conheces bem que esse omem sou eu!

Todos te acham no rosto inumeros defeitos:
Uns, a boca pequena; outros, os labios estreitos,
O nariz aquilino, um sinalzinho aqui...

Mas eu, como não quero amar um ser divino,
Olho-te satisfeito o corpo pequenino
E compreendo bem, que gosto mais de ti.

Lisboa 16 7-910.

Antonio Cardoso de Ponse Lião

A POLICOMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a E

LISBOA

Papelaria, livraria, tipografia, encadernação, estereotipia e fabrica de carimbos de borracha

O maior estabelecimento do seu genero, no bairro. Trabalhos de luxo e simples.

Especialidade em trabalhos para artistas teatraes

Manda tomar e entregar encomendas a casa dos clientes

TELEFONE 3362

PARIS EM ALCANTARA

Fazendas, Modas, Confeções, Luvaria

Gravataria, Camisaria,

Retrozeiro e Alfayeria

Enorme sortimento em artigos para bordados, a matiz e a branco

CONZAGA & SOUZA, SUCCESSOR

Recebem-se todas as fazendas que sejam vendidas

n'esta casa logo que o freguez prove

NÃO SEREM mais baratas e melhores do que n'outro qualquer estabelecimento

44, RUA DO LIVRAMENTO, 46

(Em frente da Pharmacia Drack & Bairrão)

LISBOA

Aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras

VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO

Succedaneo do Oleo de Figados de Bacalhau

Grande sortimento de fundas para homens, senhoras e creanças, borrachas, cintos umbilicaes e abdominaes, suspensorios, irrigadores diversos, pulverisadores tira-leites, seringas, thermometros clinicos e vinho do Porto genuino.

Artigos de Perfumaria e de Hygiene

vende-se na

Pharmacia Drack Bairrão

25, RUA DO LIVRAMENTO, 27

TELEPHONE 2902

Consultas medicas diarias

LIVROS DE ENSINO

DO
Professor **ULYSSES MACHADO**

Calçada do Marquez d'Abrantes, 43-3.º - LISBOA

Caderno com 615 problemas e exercicios d'aritmética para a 2.ª classe, 6.ª edição, 70 réis.
Dois cadernos com 1:706 problemas e exercicios d'aritmética, para a 3.ª e 4.ª classes, 25.ª e 12.ª edições, cada um, 120 réis.
Três cadernos com 2:018 problemas e exercicios d'aritmética para as escolas normais, liceus, etc., 1.º, 2.º e 3.º anos, cada um, 180 réis.
O autor oferece gratuitamente a todos os professores os livrinhos com os resultados correspondentes a cada caderno, quando lh'os peçam.
Gramática ensinada pelos exemplos, para a escola primaria, illustrada com 117 gravuras, ao alcance de todas as intelligencias, 8.ª edição, cada exemplar cartonado 250 réis.
Gramática Portuguesa oficialmente aprovada para as escolas normais e d'ititaeis, um volume encadernado em percalina, 1.500 réis.
Gramática Portuguesa aprovada oficialmente para o 2.º ano do curso secundario dos liceus, um volume encadernado em percalina, 450 réis.
Gramática Portuguesa em harmonia os com programas do 1.º, 2.º e 3.º anos do curso secundario, 1 volume encadernado em percalina 600 réis.
Aritmética pratica e geometria, illustradas com 100 gravuras, aprovadas oficialmente 4.ª edição, para o ensino primario, cartonada, 250 réis.
Segundo livro de leitura, illustrado com 310 magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 2.ª e 3.ª classes (exame do 1.º grau), cartonado 400 rs.
Terceiro livro de leitura profusamente illustrado com magnificas gravuras, aprovado oficialmente para a 4.ª classe (exame do 2.º grau), carton. 400 rs.
Primeiro livro de leitura para a 1.ª classe, aprovado oficialmente illustrado com 140 magnificas gravuras, 120 réis.
Noções de Versificação, em harmonia com os programas do ensino secundario, 100 réis.
A venda nas principaes livrarias e no Depósito Geral em LISBOA—LIVRARIA RODRIGUES & C.ª, Rua do Ouro, 186 e 188.
Aos srs. professores descontos de 10 p. c. e porte franco.

Obras para o ensino primario

POR **AUGUSTO LUIZ ZILHÃO**

Regente da Escola Central n.º 2 e professor interino da Escola Normal Feminina de Lisboa

Caderno de exercicios de aritmética para a 1.ª classe	50 réis	Caderno de problemas e exercicio de aritmética para 3.ª e 4.ª classe	100 réis
Caderno de problemas e exercicios de aritmética para 3.ª e 4.ª classe	80 "	Noções elementares de aritmética e geometria (oficialmente aprovadas)	250 "

O AUXILIAR DO PROFESSOR com o resultado dos problemas e mais exercicios dos cadernos e a indicação da operação que deve fazer-se nas resoluções dos problemas, GRATIS. Todas estas obras trazem já as alterações do sistema métrico e o novo sistema monetário.

A venda nas principaes livrarias

Descontos excepcionaes e porte franco aos professores e directores de collegios

O AUXILIAR DO PROFESSOR remete-se aos professores que se dirijam ao autor

Rua das Gaivotas, 8

"TERRA LIVRE"

Semanario anarquista

(PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS)



Órgão de luta social e economica, de opposição a toda a especie de governo.

Tribuna de livre discussão para uma investigação sincera da verdade.

Unico jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

Colaboração dos mais avançados escritores portugueses e de alguns dos mais notaveis agitadores revolucionarios do estrangeiro.

- * Ciencia * Sociologia
- * Arte * Educação
- * Literatura *
- * Critica *

A VENDA NA RUA, NOS QUIOSQUES E TABACARIAS

AGENTES EM TODO O PAIS

PREÇO
1 mez. 100 réis
3 mezes 300
6 mezes 500
12 " 1.000
Numero avulso 20 réis

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Gaveas 55, 1.º

PAPELARIA E TIPOGRAFIA

DE **M. CORRÊA DOS SANTOS**

ARTIGOS DE ESCRITORIO E CANETAS COM TINTA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS

Especialidade em impressos para o commercio

Completo sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Livros de escrituração. Copiadores de cartas e facturas. Livros de letras a pagar e receber, etc.

BILHETES POSTAES ILLUSTRADOS (AS ULTIMAS NOVIDADES)

VENDEM-SE Facturas consulares brasileiras, Guias do Caminho de Ferro do Norte e Sul, Listas para inscrições e Telegramas.

10, RUA DA PRATA, 12—LISBOA

(PRIMEIRO QUARTEIRÃO VINDO DO T. DO PAÇO)

TELEFONE 3350

"Educação feminina"

PREÇO D'ASSINATURA

Por 3 mezes 200 rs.
Por 6 mezes 400 rs.

(Pagamento adiantado)

Quinzenario das normalistas de Lisboa

Redação e Administração, Rua do Comercio, 31, 3.º

Ex.ª Sra.ª *Biblioteca Nacional de*

Lisboa